

EDITORIAL

O número 46 da revista *Philosophica* reúne os textos das intervenções apresentadas no Seminário Internacional *A Tragédia da Cultura: Nietzsche – Simmel – Benjamin*, que decorreu a 9 de Fevereiro de 2015 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por iniciativa do Centro de Filosofia desta Universidade.

O tema do Seminário pode, em termos muito amplos, inserir-se na longa tradição do pensamento do trágico, que desde os Gregos atravessa a história da filosofia identificando um dos traços mais radicais da condição humana. Mas o que verdadeiramente ocupou os intervenientes não foi tanto a revisitação de um tópico antigo quanto a sua reelaboração e reinterpretação em pensadores da actualidade.

A formulação “a tragédia da cultura” torna explícita a inspiração no ensaio “O conceito e a tragédia da cultura”, publicado por Georg Simmel em 1911. Simmel descreve aqui, com particular dramatismo, a tensão inerente ao processo da cultura, a saber, o desfasamento entre a vida subjectiva – uma energia espiritual criadora e contínua – e os seus produtos – formas acabadas, que se desligam do fio que as ligava à fonte geradora e acabam por ganhar o estatuto de entidades dotadas de vida própria. Se a cultura é, globalmente considerada, o caminho que realiza a unidade fechada da vida psíquica no contínuo desdobrar das suas expressões, na Modernidade, este trânsito entre a corrente unitária e fluente da vida e as formas que dela provêm ver-se-á cada vez mais interrompido pela descontinuidade e multiplicação dessas mesmas formas, segmentadas, congeladas e petrificadas como intemporais e imutáveis. Tal contradição gerou o estranhamento do homem moderno, doravante perdido na imensa esfera de um produzido que é produção sua, mas na qual já dificilmente se reconhece, como ressalta deste excerto: “O grande empreendimento do espírito de suplantar o objecto enquanto tal a fim de se criar a si mesmo como objecto, para voltar de novo a si mesmo através desta criação é

inúmeras vezes bem sucedido; mas ele tem de pagar este completamente de si com o risco trágico de ver engendrar-se na legalidade própria do mundo por si criado uma lógica e uma dinâmica, desviando, com uma rapidez sempre acelerada e uma distância cada vez maior, os conteúdos da cultura dos fins da cultura.” (“Der Begriff und die Tragödie der Kultur” (GSG 14, 415-416).

Simmel surge assim como vértice de um triângulo que tem de um lado a interpretação nietzscheana do trágico grego e, do outro, a meditação de Walter Benjamin, seu ouvinte e leitor. Daí que a sequência dos contributos não obedeça a uma estrita cronologia, mas ilustre múltiplos modos de explicitar esta mesma triangulação.

A secção *Artigos* abre com três interpretações abrangentes. Teresa M.L.R. Cadete compara as análises de Nietzsche, Simmel e Benjamin sobre a tragédia da cultura, mostrando em que medida elas permitem uma estimulante leitura dos tempos actuais (“A Perda do Fio Narrativo. Sobre a Insustentabilidade do Trágico na Contemporaneidade”). Dirk Michael Hennrich defende que discurso sobre a ‘*Stimmung*’ e a ‘*Aura*’, presente em Simmel, Benjamin e em outros filósofos da época, é representativo da atmosfera apocalíptica que se instaura no Ocidente na viragem para o século XX (“*Tragische Dispositionen der Moderne. Stimmung und Aura im Wandel des Landschaftsbegriffs*”). Em “A Luz Branca da Neve: Nietzsche e Thomas Mann”, Carlos João Correia analisa a forma como Thomas Mann reinterpreta, na *Montanha Mágica (Der Zauberberg, de 1924)*, a filosofia do jovem Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia segundo o Espírito da Música, de 1872*.

Especificamente dedicados à obra de Georg Simmel são os contributos de Francisco Felizol Marques e de Vera Serra Lopes. O primeiro articula o entendimento do trágico já esboçado em *Philosophie des Geldes* (1900) com os conceitos de tragédia da cultura e tragédia da liberdade nos ensaios simmelianos posteriores (“A Tragédia da Liberdade, Ante-Tragédia da Cultura na *Filosofia do Dinheiro*”). O segundo centra-se no conjunto de textos dedicados ao amor, mostrando como o amor moderno, ao contrário do *eros* grego, é essencialmente individual e, simultaneamente, não pode aceitar o carácter insuperável dessa mesma individualidade (“O Trágico na Filosofia do Amor de Georg Simmel”).

Seguem-se os estudos especialmente centrados na obra de Walter Benjamin.

Em torno do motivo do “silêncio trágico” Ernani Chaves expõe a singularidade da recepção por parte de Benjamin da *Estrela da Redenção* e do *Nascimento da Tragédia* (“O ‘silêncio trágico’: Walter Benjamin entre Franz Rosenzweig e Friedrich Nietzsche”). Por seu turno, em “A Teia

de Penélope e o Anel da Tradição: Cultura e Rememoração na Obra de Walter Benjamin”, Maria João Cantinho aborda um dos temas nucleares do pensamento benjaminiano, a saber, a questão da tradição e a da perda da experiência.

Seguem-se algumas das habituais Secções.

Em *Ensaio*s publicam-se dois trabalhos: “Scale Relative Ontology’ and Scientism: Must Every Thing Go?”, de Noel Boulting; e “Como Pensam os Chineses sem Alfabeto? – 1.ª Parte: A diferença das escritas”, de Fernando Belo. A 2.ª Parte deste ensaio, intitulada “A diferença dos pensamentos” será oportunamente publicada num próximo número da revista.

Promovido anualmente pela *Philosophica*, o Prémio Prof. Doutor Joaquim Cerqueira Gonçalves para Alunos do 1.º Ciclo/ Cursos de Licenciatura, teve como vencedor, na edição de 2015, o estudante Hugo Luzio, cujo trabalho “Sonicismo Tímbrico e Instrumentalismo: Uma Disputa Ontológica” aqui nos congratulamos em publicar.

Na secção *Leitura*, João Duarte apresenta o livro de Maria Filomena Molder, *As Nuvens e o Vaso Sagrado. Kant e Goethe*.

O número 46 finaliza com os Índices da *Philosophica* n.ºs 31-45.

Philosophica orgulha-se de contar a partir deste número com um corpo de prestigiados Consultores Externos, cujo elevado currículo académico e científico é sobejamente conhecido de todos: Adrian Switzer (Missouri Kansas City), Gregorio Piaia (Padova), Jesús de Garay (Sevilla), Maria Filomena Molder (Lisboa), Markus Gabriel (Bonn), Maximiliano Hernández Marcos (Salamanca), Nelson Gomes (Brasília) e Ubirajara Rancan de Azevedo Marques (Marília).